

O Rio como ateliê para os estrangeiros

Residências e intercâmbios com artistas de fora crescem na cidade, envolvendo associações e galerias de arte

Suzana Velasco

Um lugar novo para criar e completamente afastado dos problemas cotidianos. É o sonho de qualquer artista, que nos últimos anos tem encontrado esse espaço no Rio, com o crescimento de residências artísticas e intercâmbios com estrangeiros na cidade. Uma espécie de spa de artistas, como define Helmut Batista, criador do Capacete, o principal programa carioca de residências. Seus últimos hóspedes, na sede em Santa Teresa, foram quatro chilenos, que chegaram ao Rio com uma bolsa do Ministério das Relações Exteriores do Chile, de US\$ 2.500 para cada, e abriram ontem uma mostra na galeria A Gentil Carioca, no Centro, após passarem um mês na cidade.

— Oferecemos um lugar longe das preocupações diárias, em outro ambiente. Não impomos regras e objetivos para o artista, mas o ajudamos a montar exposições — diz Batista.

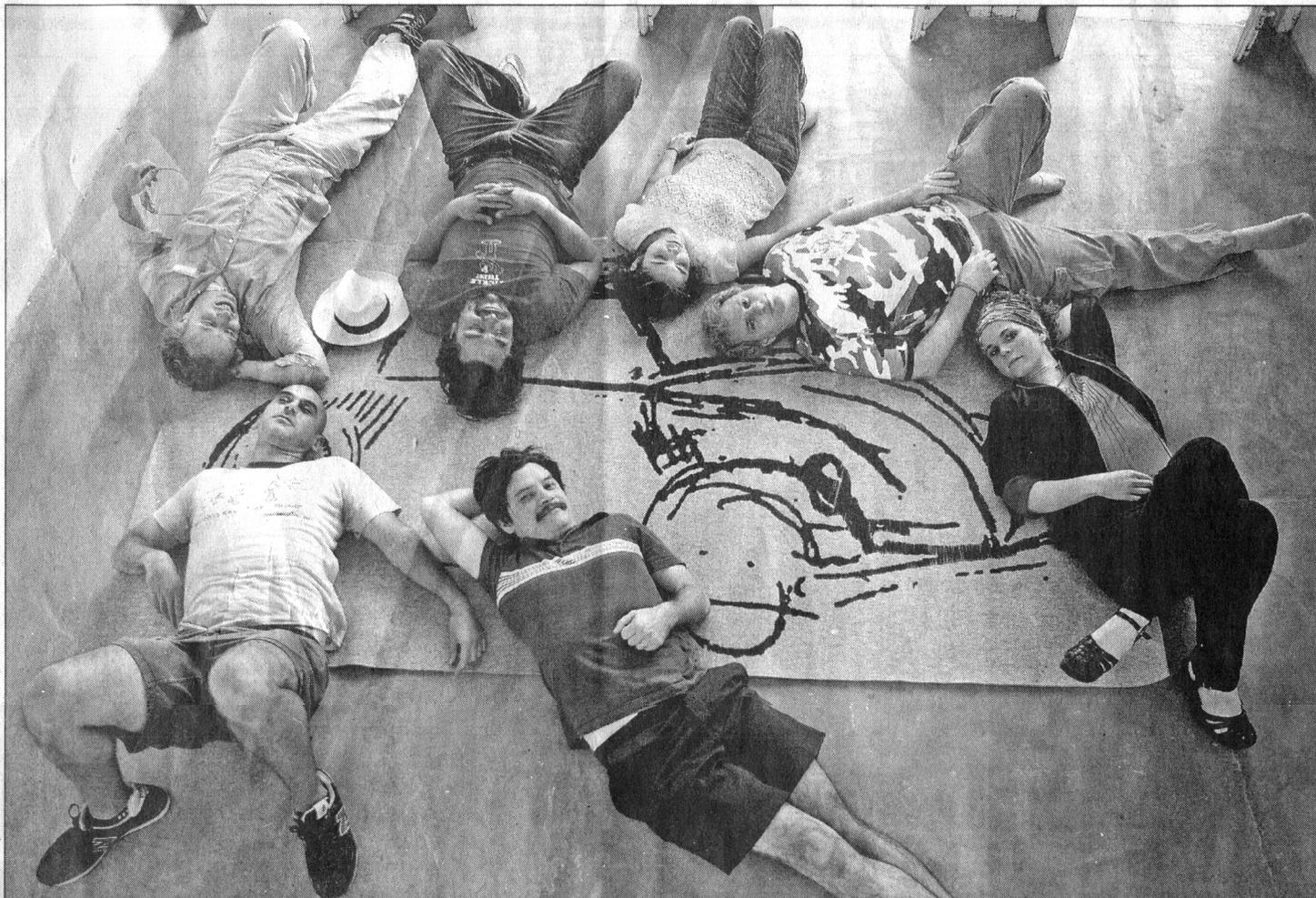
O Capacete começou com uma exposição num apartamento no Flamengo e hoje faz parte do programa Res Artis, uma fundação sem fins lucrativos que reúne 250 residências no mundo todo. Mais do que infra-estrutura, o programa oferece contatos dos artistas de fora com a produção local. Foi assim que os chilenos Johanna Unzueta, Cristóbal Lehyt, Diego Fernández e Felipe Mujica chegaram à galeria, que ofereceu o espaço e ajudou na produção da exposição. Alguns dos trabalhos da mostra — que teve ainda o apoio do Consulado do Chile — nem foram feitos no Rio.

— Trouxe minhas obras de Nova York. A experiência no Rio vai influenciar minha criação futura — diz Lehyt.

Da passagem paga pelo artista à bolsa de 12 mil euros

A boa-vontade na troca entre artistas e galerias muitas vezes compensa a falta de recursos e o improvisado necessário para que as residências funcionem. No caso do Capacete, o financiamento costuma vir de instituições estrangeiras. A própria Gentil Carioca, entusiasta dos intercâmbios, enviou obras de cinco brasileiros para os Estados Unidos, em 2006, e recebeu uma mostra de seis americanos no início deste ano, tudo pago pelo Feldman Gallery Project Space, que pertence ao Pacific Northwest College of Art, em Portland.

Mas, às vezes, não há recursos nem de fora. A francesa Nathalie Bibougou pagou sua passagem para passar um mês no



OS RESIDENTES chilenos com Helmut Batista, do Capacete (no alto, à esquerda), e Márcio Botner e Laura Lima (à direita), sócios da Gentil Carioca



JULIO CASTRO, presidente da Chave Mestra, em seu ateliê, com artistas da residência, francesas e brasileiras

Rio, no ateliê do artista plástico Klaus Reis. Depois de expor no início deste mês no evento Arte de Portas Abertas, em Santa Teresa, ela passa um mês no Rio, filmando a cidade. O mesmo acontece com a francesa Mirella Rosnar, que pagou o bilhete aéreo no início do mês para uma estadia de 15 dias.

A vinda das duas para cá não é por acaso. Faz parte de uma parceria entre a associação Chave Mestra, que organiza o even-

to em Santa Teresa, com patrocínio da Petrobras, e os Ateliers d'Artistes de Belleville (AAB), que têm suas próprias portas abertas em Paris, as Journées Portes Ouvertes. O contato começou em 2002, apenas como uma chance de brasileiros mostrarem suas obras em Belleville, e os franceses, em Santa Teresa, até se tornar uma proposta de residência, que contou com um edital, em 2006, para artistas associados à Chave Mestra.

Apenas quatro se inscreveram, já que teriam que pagar a passagem para a França. E Paula Erber foi escolhida pelo AAB. Na última hora, a associação conseguiu apoio do Fundo Nacional de Cultura para comprar a passagem de Paula, que ficou no ateliê de Mirella. Em Paris, ela expôs e deu um workshop. A associação também tem conseguido alguns recursos da Lei Rouanet, mas eles são em geral usados para

a produção de mostras e catálogos e programas educativos.

— A grande experiência é habitar o lugar e ter um entendimento diverso do turista — diz Julio Castro, presidente da Chave Mestra. — É diferente de estar em seu ateliê, com o telefone tocando.

O artista fala por experiência própria. Acaba de passar 40 dias em Lisboa, num apartamento alugado pelo Centro Português de Serigrafia. A experiência é o início de um projeto de residência de portugueses no Rio — cujo embrião foi a vinda da artista Maria Tomás para a cidade, culminando com uma exposição em março deste ano. A Chave Mestra ofereceu infra-estrutura, contatos e um ateliê para ela se hospedar.

Há programas, no entanto, que oferecem uma bolsa significativa para o artista. É o caso do International Photography Research Network (IPRN), uma associação que, no Reino Unido, promove a comunicação entre fotógrafos do mundo todo, com simpósios, exposições e residências. Com um financiamento da União Européia desde 2005, o programa "Changing faces" incluiu o Rio este ano no intercâmbio entre artistas, através de uma parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF). Com uma bolsa de 12 mil euros cada um, para criar ensaios fo-

tográficos sobre diferentes modos de trabalho, o carioca André Vieira foi para Essen, na Alemanha, onde está fotografando jovens que trabalham em locais em extinção, como as minas; e o eslovaco Andrej Balco veio para o Rio, onde retratou empregados domésticos. O resultado do projeto, "Work", será uma mostra que, se tudo der certo, também chegará à cidade.

— Fiquei interessado em olhar para pessoas que passam suas vidas cuidando da casa de outras pessoas. Só queria mostrar quem elas são, sem intenções especiais ou deformações — disse Balco, que contou com o apoio do professor João Luiz Vieira, da UFF, e do estudante da universidade Vladimir Mancaro, seu assistente e tradutor, que o levou para a primeira casa com empregados domésticos.

Crescem os intercâmbios entre latino-americanos

No fim de sua estadia na cidade, Andrej fez uma projeção no Ateliê da Imagem, outro estimulador dos intercâmbios. Sócia do local, a fotógrafa Patricia Gouvêa — que fez parte da comissão de escolha dos indicados para o programa do IPRN — tenta trazer um estrangeiro para cá sempre que é convidada para palestras e mostras em outros países. Foi assim que começou uma estreita relação com a Colômbia. Patricia expôs em Bogotá e lá recebeu o convite para que o Grupo DOC, coletivo do qual faz parte, integrasse uma feira internacional. No ano que vem, os quatro artistas do DOC vão realizar, com quatro colombianos, uma exposição simultânea em Bogotá e no Rio. Agora, com o apoio da embaixada da Colômbia, o Ateliê terá, a partir de 17 de agosto, a artista Rosário Lopez, que está na Bienal de Veneza deste ano.

— Os intercâmbios têm que criar laços de solidariedade — diz Patricia. — No caso do Andrej, organizamos a projeção para que ele tivesse contato com a comunidade carioca de fotografia. Na mostra da Rosário, ela e a curadora farão uma palestra.

Não chega a ser uma residência, mas já é o início de um contato mais estreito entre artistas da América Latina. O mesmo pretende a Casa Daros, que, antes de ser inaugurada, em 2008, trará latino-americanos para o Rio. Artistas como o mexicano Betsabée Romero e o cubano Eugenio Valdés Figueroa, o Tonel, vão chegar, em outubro e novembro deste ano, para workshops e discussões com artistas brasileiros. Quem sabe não se animam e ficam mais? ■

Fotos de Leonardo Aversa